

## A VERDADE QUE SE QUER ACIMA E ALÉM DA VIDA

Per Johns

*Entre tantas mortes anunciadas fala-se insistentemente na do romance. As razões apontadas são inúmeras. Entre outras, simplesmente a de que se teria tornado supérfluo diante dos meios de comunicação de massa, sobretudo o cinema e a televisão.*

*Pode até ser uma meia verdade, embora mal posta. Vale a pena repetir o truismo que tantos tantas vezes esquecem: o que o bom escritor tem a dizer é irreduzível e intransferível. Radica naquilo que ainda hoje, apesar dos pesares, se chama estilo. E caráter. Exagerando um pouco, dir-se-ia que cada autor é o instaurador de seu próprio gênero. Se quisermos — e se é que importa — são romances "Viagem Sentimental" do cronista Sterne, "Ou isto, ou aquilo" do filósofo Kierkegaard, "Cadernos de Malte Laurids Brigge" do poeta Rilke. E são irreduzíveis a qualquer outro meio de expressão romancistas sancionados (sancionados?) como Joyce, Proust e Guimarães Rosa. Que cinema ou imagem lhes reproduzirá jamais a especificidade verbal? Todas as tentativas feitas falharam. E pior: ficaram sempre aquém e empobreceram o original. Em comum, têm todos — na diversidade — algo de fundamental: a exigência de um leitor ativo, se possível co-participante, e não um mero receptor do que seria um prato feito.*

*O romance é uma espécie de factótum, salamandra, proteu, capaz de vestir todos os disfarces. Sua vitalidade comprova-se ainda uma vez com este "Lagoa Santa Vidas e Ossadas", que contém um pouco de tudo aquilo que já deveria, pela boca dos profetas, estar morto. É épico. É lírico. É dramático. É contado na terceira pessoa por um demiurgo onisciente que, não obstante, desce ao nível do personagem e se identifica com ele. Lida como uma narração que é ao mesmo tempo história e estória, atém-se ao rigor de fatos co-*

nhecidos entremeados a outros livremente inventados ou transfigurados. Transforma realidade em ficção e ficção em realidade. Entra a bel-prazer dentro do personagem. Ou fica do lado de fora. É documental. É pura invenção. Por vezes saltita de alegria ou é tedioso como um tratado científico. É caprichoso, sinuoso, verdadeiro e mentiroso. É impuro como o próprio bicho humano. Retrata corpo e alma. Não radiografa nem o fígado, nem o coração, nem o cérebro. E, sobretudo, não tem pretensão à verdade. Quando muito, sugere, e deixa as conclusões por conta do leitor.

Em verdade, Henrik Stangerup propôs-se a uma tarefa praticamente impossível: transformar uma biografia em romance, sem perder nem a biografia, nem o romance. Manteve intactos os dois, produzindo embora uma entidade nova. Em suma, conseguiu o milagre de trazer de volta à vida um cientista que endurecera na effigie. Mais do que nos dar verossimilhança, ressuscitou um morto, duplamente morto, no esquecimento dos vivos e na memória dessagrada dos anais científicos. E, paradoxalmente, ressuscitando o homem, ressuscitou a ciência com que lidava, costurada que estava no tecido de sua alma e existência. A ciência de Peter Wilhelm Lund — o dinamarquês que é considerado o pai da paleontologia brasileira — torna-se drama, poesia, humor, mania, delírio, loucura, praticada por um homem de carne e osso que se tornou seu escravo, à moda (e isso é nodal como se verá) da época em que viveu. Nessa medida, como todos verdadeiros romances, é documento de uma época. De uma época, que muito de perto nos moldou para o bem e para o mal, e que existencialmente nos explica.

O livro nasceu da inexplicável obsessão do autor pelo Brasil. Em suas andanças por cá, um dia tomou conhecimento e se maravilhou com o barroco mineiro, em primeiro lugar com esse misterioso Aleijadinho, tão genial quanto Michelangelo, e suas cidades encantadas nos confins do mundo. Não tardou e seu faro detectou outro mistério: ao visitar essas oníricas grutas calcárias de Minas Gerais, descobre que em Lagoa Santa vivera um naturalista dinamarquês — altamente prezado no Brasil — mas de quem os dinamarqueses andavam desmemoriados. Ninguém na Dinamarca se lembrava dele. As lendas que cercaram sua vida, tanto quanto seus empreendimentos científicos, intrigaram-no e apaixonaram-no vivamente. Dr. Lund passou a ser seu enigma, para não dizer sua angústia cotidiana. O que teria feito um dinamarquês, tão tipicamente dinamarquês e, mais, tão culturalmente sofisticado, num certo mo-

mento, a meio caminho da vida, no auge de suas potencialidades depois de definitivamente encerrado seu périplo científico nas grutas de Minas Gerais e de enviados os frutos de seus despojos científicos à Europa, abdicar de tudo, como se contra a vontade, ou como se dirigido por invisíveis fios de destino, permanecendo até a morte no Brasil? Dr. Lund remanesceu os últimos trinta anos de sua vida em Lagoa Santa, sem qualquer interesse científico, ao sabor de suas doenças imaginárias, como se quebrado, desfibrado, desosado por dentro.

A partir dessa pista, como se possuído por Dr. Lund, Henrik Stangerup afundou-se nas fontes disponíveis, que não eram muitas em termos de testemunhos, embora houvesse um tesouro praticamente inexplorado: a vasta correspondência que Dr. Lund manteve com familiares (inclusive do filósofo Sören Kierkegaard) e as figuras científicas mais representativas de sua época. Rastreia, portanto, a vida e a ciência (indissociáveis) do Dr. Lund, desde a sua infância em Copenhague, no início do século XIX, até sua morte, ocorrida em Lagoa Santa em 1880, aos 79 anos de idade, cercada de misteriosas referências. Vive a ambiência existencial, no Brasil e na Europa, de uma época — de há cem, cento e cinquenta anos atrás — ilimitadamente otimista quanto às possibilidades de se chegar à total compreensão racional do mundo, àquilo que repetidamente no livro é chamado de PLANO CRIADOR de Deus. Um dia a ciência haveria de preencher todos os buracos escuros deste firmamento. Era tudo apenas uma questão de tempo. Deus tinha destinado o homem a ser testemunha de Sua Obra.

Esse o drama do cientista Dr. Lund e, por extensão, do homem P.W., matéria-prima do romancista. "Wilhelm dói dentro do Doutor em ciências Peter Wilhelm Lund." Os fios dessa meada que mais escamoteiam a resposta do que a ela conduzem conclusivamente, é o assunto do romance. Para quem acreditava com otimismo na grande resposta única, definitiva e final, clara e racional, casamento da ciência com a religião, é no mínimo terrível descobrir que não há respostas, ou que há inúmeras, se não divergentes, pelo menos caleidoscópicas. Caminhamos numa atmosfera que se vai aprofundando em camadas cada vez mais complexas e densas da realidade, como se entrássemos nas próprias grutas do Dr. Lund, que ao invés de lhe darem a resposta única, cada vez confundiam mais as pistas e conturbavam o quadro. De repente, o mundo é do demônio e não mais de Deus. Reencontramos, sob certo ângulo, uma das grandes

fontes da tradição literária do Ocidente, a figura do Dr. Fausto, tantas vezes retomada. A realidade não tem fim, nem contorno definido, objetivamente destacável de quem a confronta. Desfaz-se, de novo e de novo, a grande ilusão de que se nutriu a ciência em todos os tempos.

Mas o drama vai muito além. É multifacetado. Advirta-se que o cientista Lund é sobretudo o europeu Lund, o homem que além da verdade científica carregava consigo toda uma tradição voluntária ou involuntariamente missionária ou catequista. O europeu Lund (assim como o europeu Santo Inácio de Loyola, os europeus Cortez, Colombo e Cabral, mais recentemente o europeu Schweitzer, no coração da África negra) trazia consigo um modelo de vida, não só o certo, mas o único viável. A desconfiança difusa, escamoteada, naturalmente, de que esse modelo talvez não fosse, afinal, tão definitivo e benéfico assim, contribui também com sua parcela ponderável para o drama de desossamento e definhamento do Dr. Lund, coadjuvado aqui por essas figuras antológicas, embora dotadas de motivações diferentes, do norueguês fracassado, o pintor e boêmio Peter Andreas Brandt, e o dinamarquês aventureiro ancorado em Curvelo, Peter Claussen, origem de uma imensa progênie de brasileiros, fundadores e povoadores de cidades. É o drama do desenraizamento de europeus que, ou dão a volta por cima, e se tornam convictos da nova nacionalidade, ou vão à garra a meio caminho entre o sonho europeu e a nova realidade "errada", sobretudo no caso de europeus do Norte; protestantes e puritanos até a raiz da alma, muito mais infensos ao meio termo entre dominadores e dominados do que os meridionais, em especial os portugueses. (Acrescente-se que Gilberto Freyre é uma das grandes admirações do dinamarquês Henrik Stangerup.) A ambiência da mina de ouro dos ingleses de Gongo Soco é elucidativa.

Além desse drama nodal, de ser um painel da mentalidade científica da época e da problemática colonialista em sua pior faceta, a psicológica, sendo, por isso, o livro de um europeu que submerge com sua visão européia, deteriorando-se em contacto com uma realidade imprevisível, cujo maior pecado é ser diferente, impermeável a todos esses sufocantes parâmetros, subjaz a "Lagoa Santa Vidas e Ossadas" o relato mítico de um embate entre as forças da vida e da morte, da força vital que se quer efêmera e difusa e a força da morte que se quer eterna, individualista e onisciente. Eros e Tanatos. Nesse particular, busque-se um dos fios da meada no mineiro

de Cordisburgo, João Guimarães Rosa. Clara ou velada, a alusão à novela "O recado do morro" (in Corpo de Baile), por inúmeros detalhes da trama, é indiscutível. Não cabe aqui esmiuçá-la, apenas lembrar que o trovão das entranhas da Lapa da Cerca Grande é um recado do morro ao cientista e europeu P.W.Lund. O homem que buscava esqueletos nas entranhas da Terra, buscava a morte. Por fim, identifica-se com ela, a ponto de não se saber ao certo se é ele mesmo a morte ou se a morte é seu objetivo. "A morte é um velho esqueleto". Ao desfibrarem-no, as entranhas da Terra dão-lhe o último recado que poderiam dar a um homem que para encontrar a verdade precisa torná-la imóvel e hierática como esses esqueletos do interior das grutas que velam o sepulcro da vida. Roubam-lhe a alma e a fazem vogar sem destino. Castigo eterno para quem não soube ou não pôde abdicar de uma verdade que se quer acima e além da vida.

Esse recado é muito explícito, sobretudo para nós brasileiros que tanto nos esforçamos por abdicar de nós mesmos.